



Jeca Tatu: um personagem aquém da plenitude humana¹

Por Jerri Antonio Langaro*

Neste estudo tem-se por objetivo analisar a condição sub-humana do caipira brasileiro, conforme a visão de Monteiro Lobato no conto *Urupês*. Lobato, criticando impietosamente a personagem Jeca Tatu, afirma que este é o “epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie”.²

Passados vinte anos da publicação do conto, Lobato reconheceu que sua insensibilidade em relação ao caboclo, tão marcante em *Urupês*, tem suas raízes não somente na história social brasileira, como também na sua história pessoal. Este é um exemplo no qual as informações biográficas lançam luz sobre o processo de produção da obra: “Quando comecei a sentir em todo o seu horror o drama da miséria humana (de que o Jeca não passa de humilde ilustração) era tarde – minha obra literária já se havia cristalizado e morto estava o meu interesse pelas letras”.³

Neto do Visconde de Tremembé, o escritor teve uma formação social que contribuiu para que ele visse os trabalhadores rurais brasileiros como indivíduos situados aquém da plenitude ontológica. Aliadas a tal pensamento, as

lutas pessoais do autor para manter a fazenda que herdara do avô e a sua incapacidade de sustentar esse projeto, também implicaram na produção do conto e contribuíram para a construção da cruel visão do escritor.

Ao analisar a condição social do Jeca Tatu em *Urupês*, percebe-se que a personagem situa-se, em termos culturais e produtivos, em um estágio anterior ao início da Revolução Agrícola; ou seja, se comparado ao homem moderno, o Jeca estaria defasado em cerca de dez mil anos.

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher (...) Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem árvores frutíferas, nem horta, nem flores – nada revelador de permanência. (pp.148-149).

A Revolução Agrícola, ao desdobrar-se em dois sub-processos, fez surgir a agricultura e o pastoreio, alterando abruptamente os modos de vida

do contingente humano que envolveu, pois as populações anteriores a ela caracterizavam-se por serem fechadas em si mesmas, incapazes de se ajustarem em uma sociedade maior e hostis para com as demais. Um sub-processo vinculado à Revolução Agrícola refere-se às *Aldeias Agrícolas Indiferenciadas*⁴, civilizações não estratificadas por classes, representadas, principalmente, pelos grupos indígenas agricultores da floresta tropical americana, que se dedicaram ao cultivo de tubérculos e cereais.

Ao criticar o Jeca Tatu por ele não se empenhar na agricultura, limitando-se a coletar o que a natureza gratuitamente lhe oferece, Monteiro Lobato remete o caboclo brasileiro a um período anterior a tais civilizações, ou seja, a uma época que antecede as próprias civilizações indígenas que o originaram uma vez que ele é o fruto da miscigenação entre o branco e o índio —, personificando-o como uma criatura que, ao invés de progredir nos estágios da evolução humana, regrediu a um estágio anterior ao de seus ancestrais.

De acordo com Darcy Ribeiro, o

processo civilizatório se dá quando o homem passa da condição de mero catador – como o Jeca Tatu – a de cultivador e pastor:

O primeiro processo civilizatório corresponde à Revolução Agrícola, que se desdobrou originalmente, há cerca de 10 mil anos (...). Antes da Revolução Agrícola o homem vivera sempre em pequenos bandos móveis de coletores de raízes e frutos (...). Cada pequeno bando, vivendo isolado, subdividindo-se sempre que crescia, conformava uma face pronunciadamente diferenciada do humano, hostil a todas as outras.⁵

Desse modo, ao remeter o Jeca Tatu para um período anterior à Revolução Agrícola, Monteiro Lobato acaba por alocar o representante do caipira brasileiro em um patamar nômade e hostil às relações do convívio humano, classificando-o como um ser isolado e incapaz de agregar-se com seus semelhantes na formação de uma civilização.

O caráter rústico que envolve a habitação do Jeca também é alvejado por Lobato, que critica sua precariedade, salientando que *“sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-barro”*.

Mircea Eliade, ao estudar a relação entre o homem e os espaços simbólicos e religiosos, analisa a importância da casa para o ser humano:

A casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológicos. É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave, pois isso compromete a própria existência do homem: trata-se em suma, de criar seu próprio “mundo” e assumir a responsabilidade de mantê-lo e renová-lo.⁶

Ao construir uma moradia tão rudimentar, considerada como algo pior que uma toca, o Jeca Tatu finda em comprometer gravemente a sua condição humana. Como sua habitação representa “seu próprio mundo”, este mal chega a ser criado, tamanha a precariedade que a envolve. Esse caráter rudimentar, presente na habitação do personagem, não permite a constituição da sua *imago mundi*⁷, uma vez que ele não conseguirá traçar simbolicamente os destinos de sua

vida a partir de uma moradia tão elementar, que não está situada no centro de “seu mundo” porque este ainda não foi plenamente criado.

O escárnio de Lobato para com o caipira acentua-se na passagem em que o Jeca Tatu, temendo que a parede de sua choça venha a cair, pendura nela a imagem de uma santa, ao invés de consertá-la. Ou seja, ele atribui ao sagrado a responsabilidade de manter a casa em pé. Entretanto, por não confiar plenamente neste sagrado, abriga-se no oco das árvores durante as tempestades:

Na mansão do Jeca a parede dos fundos bojou para fora um ventre empanzinado, ameaçando ruir; (...). Afim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas conseqüências, ele grudou na parede uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarela – santo de mascate. (...) Não obstante, “por via das dúvidas”, quando ronca a trovoadas Jeca abandona a toca e vai agachar-se no oco dum velho embirussu do quintal – para se saborear de longe com a eficácia da escora santa. (p.149).

De acordo com Mircea Eliade, *“em casos de desastres provenientes do Céu – seca, tempestade, epidemia –, os homens voltam-se para o Ser Supremo e imploram-lhe. Esta atitude não é exclusiva das populações primitivas”*.⁸ Desse modo, o Jeca Tatu regressa ao estágio do homem religioso, recorrendo a uma entidade suprema como Nossa Senhora, implorando por sua intercessão diante de um desastre proveniente do céu. Como esse ato não é exclusivo dos povos primitivos, o que vem reforçar o primitivismo quase inumano do Jeca é justamente o fato de ele abandonar sua casa – já denominada por “toca” – para se refugiar no oco de uma árvore.

Ao substituir sua morada por algo ainda mais primário, o Jeca acaba por ser transmigrado para os primórdios da humanidade, quando o homem primitivo utilizava não somente as cavernas, como também as árvores para se abrigar diante dos perigos provenientes da natureza. Entretanto, durante uma tempestade, esta é uma péssima escolha: as árvores são as primeiras que podem ser atingidas pelos raios; o que reforça o primitivismo e a total ignorância científica do Jeca.

Percebe-se, em *Urupês*, que o caboclo recorre com frequência ao misticismo puro, corroborando a idéia da religiosidade popular:

Da parede pende (...) o S. Benedito defumado, o rabo de tatu e as palmas de queimar durante as fortes trovoadas. (...) A invulnerabilidade às facadas ou cargas de chumbo é obtida graças à flor de samambaia (...) só floresce uma vez por ano (...) no dia de S. Bartolomeu. (...) São os santos os graúdos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela ajudando-os ou castigando-os (...) Daí o fatalismo. Se tudo movem os cordéis lá de cima, pra que lutar, reagir? Deus quis. (pp.148-154).

A religiosidade é marcante na cultura caipira do Brasil. De acordo com Antonio Candido, a vida lúdico-religiosa foi o complexo de atividades que transcenderam o âmbito familiar caboclo. A observância dos dias de guarda⁹, *“nos quais se acredita que o trabalho pode causar prejuízo grave, devido ao desrespeito pela norma religiosa”*¹⁰, é um indicador que reitera o cunho religioso que envolve a vida do caboclo.

Lobato almeja convencer o leitor de que o caipira, imerso em um total estado de ignorância por não ter acesso às mínimas noções da ciência, delega às forças divinas a responsabilidade de sanar as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, ao invés de se incumbir de tais medidas. Lobato ainda ironiza os recursos utilizados pelo Jeca para invocar a intercessão divina, alguns dos quais ainda perduram na cultura popular.¹¹



Como forma de desconstruir a contribuição do caipira para a música brasileira, Monteiro Lobato reforça a idéia de que a musicalidade brasileira é herança africana, e, como o Jeca Tatu é o fruto da miscigenação branco-indio, é vetada a ele, segundo Lobato, esta veia musical:

Às vezes surge numa família um gênio musical cuja fama esvoaça pelas redondezas. Ei-lo na viola: concentra-se, tosse, cuspiha o pigarro, fere as cordas e “tempera”. E fica nisso, no tempero. Dirão: e a modinha? A modinha como as demais manifestações de arte popular existentes no país, é obra do mulato. (p.155).

Na época em que Lobato publicou *Urupês*, os tocadores de instrumentos de corda, como a viola, não eram bem conceituados perante a sociedade, pois, de acordo com a mentalidade vigente, “todo vadio que possui uma guitarra (violão) tem o seu pão ganho sem a necessidade de trabalhar, e encontra sempre quem o queira em casa”.¹² Portanto, quando o escritor admite ironicamente a presença de um *gênio musical* entre os caboclos, associando-o ao estereótipo que a viola condicionava a seus tocadores, é a esse tipo de artista que está se referindo: um indivíduo desocupado, não habituado ao trabalho.

O costume do caipira de manter-se de cócoras, realizando quase todas as suas atividades corriqueiras nesta posição, é também ridicularizado por Lobato em *Urupês*:

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborigine de tabuinha no beço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a pôe de pé. (pp.146-147).

Lobato, ao enfatizar os termos “*vegetar de cócoras*” e “*incapaz de evolução*”, tem a intenção de ressaltar que o Jeca estaria em um estágio de evolução no qual ainda não seria plenamente um homem ereto: marca da evolução da condição de quadrúpede para a condição de bípede. Dessa forma, o autor reduz o Jeca a uma condição muito próxima à do símio; e o hábito do caipira de acocorar-se – ainda hoje praticado em diversas

regiões do Brasil – é transformado em incapacidade evolutiva, insinuando que o caboclo não consegue realizar seus afazeres em outra posição sem que esteja de cócoras, por ainda não ter alcançado plenamente o estágio da evolução humana que lhe permitiria assumir uma postura ereta.

A falta de domínio de linguagem do caipira é também criticada por Lobato:

Ei-lo que vem falar ao patrão. (...) Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, (...) é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência. – “Não vê que...”. De pé ou sentado as idéias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa. (p.147).

Para Michel Foucault, filósofo que analisa a importância da linguagem para o ser humano, “há uma função simbólica na linguagem: *mas (...) não devemos mais buscá-la (...) nas próprias palavras, mas antes na existência mesma da linguagem, na sua relação total com a totalidade do mundo, no entrecruzamento de seu espaço com os lugares e as figuras do cosmos*”.¹³ A absoluta falta de domínio lingüístico não permite a interpretação dessa função simbólica. O Jeca, portanto, não consegue estabelecer, através da linguagem, relação com o mundo que o cerca, o que vem reiterar sua posição de indivíduo alheio aos acontecimentos e à realidade.

Em *Urupês*, o ícone da “raça cabocla” é descrito como o integrante de uma sub-raça, um ser seminômade, impregnado de hábitos primitivos, situado em defasagem evolutiva e incapaz de ajustar-se à contemporaneidade, portanto aquém da plenitude ontológica. Essa posição preconceituosa e elitista acerca do caipira brasileiro foi assumida por Monteiro Lobato em 1918. Posteriormente, ao modificar sua linha de pensamento, o escritor alterou positivamente a perspectiva da personagem do Jeca Tatu, fazendo-o progredir socialmente ao integrá-lo como elemento produtivo na sociedade.

*Graduado em Letras UNIOESTE-MCR.

Notas

¹ Estudo vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – orientado pela professora Rita Felix Fortes – e ao grupo

de pesquisa registrado no CNPq, sob a liderança da referida professora, e intitulado: *Literatura Brasileira: sociedade e mito*.

² Todas as citações do conto “Urupês” referem-se a: LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

³ MONTEIRO LOBATO. *Apud* CAVALHEIRO, Edgard. “Vida e Obra de Monteiro Lobato”. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 20.

⁴ RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: Etapas da Evolução Sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁵ Id. *ibid.*, pp. 81-83.

⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 54.

⁷ A *imago mundi* simboliza para o homem o “centro do mundo”, que, representado pela sua casa, reproduz o universo em escala microscópica. Do mesmo modo que o universo se desenvolve para várias direções a partir de um centro, o homem também projeta os caminhos que seguirá em sua vida a partir de um núcleo central, pois a criação do mundo é o arquétipo do gesto criador humano.

⁸ ELIADE, Op. cit., p. 107.

⁹ Os dias de guarda foram uma maneira encontrada pela Igreja Católica para que os trabalhadores pudessem ter seu dia de descanso antes do advento das leis trabalhistas, na década de 1930.

¹⁰ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001, p. 113.

¹¹ Ainda hoje, os católicos utilizam, como invocação divina durante as tempestades, a queima das palmas bentas na cerimônia do “Domingo de Ramos”.

¹² CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, p. 792.

¹³ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 53-54.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 34ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6ª ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: Etapas da Evolução Sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.